

O apocalipse da literatura: variações sobre Compagnon e Todorov

Rodrigo Matos de Souza (UNIJORGE)

RESUMO: O presente texto utiliza as recentes discussões desenvolvidas nos livros *Literatura para quê?* (2009) de Antoine de Compagnon e *A Literatura em Perigo* (2009) de Tzvetan Todorov para revisitar o moveidço debate sobre o fim do livro, da literatura e da leitura. Crítica o ensino da literatura que, da educação básica à universidade, preocupa-se mais em ensinar as categorias da crítica, história e teoria literárias do que apresentar a leitura como fenômeno múltiplo e produtor de sentidos. Alinha-se à percepção compagnoniana do esvaziamento do literário na contemporaneidade, que tem perdido lugar para outras formas de conhecimento. Para discutir como o esvaziamento do literário, tanto no espaço da escola quanto socialmente, tirou da literatura a capacidade de resistir ao avanço da tecnologia a sua seara, o que pode, talvez, provocar seu desaparecimento.

Palavras-chave: Leitura; literatura; livro; Compagnon; Todorov.

RÉSUMÉ: *le texte ci-dessous se sert des récentes discussions développées dans les livres La littérature, pour quoi faire? d'Antoine Compagnon et La littérature en péril de Tzvetan Todorov pour revisiter le débat mouvant sur la fin du livre, de la littérature et de la lecture. Il critique l'enseignement de la littérature qui, des cours élémentaires à l'université, se soucie plus d'apprendre les catégories de critiques, histoire et théories littéraires que de présenter la littérature comme un phénomène multiple et producteur de sens. Il s'allie à la perception compagnonienne de l'épuisement de la littérature dans la période contemporaine, qui a cédé sa place à d'autres types de connaissances. Pour dire comment l'épuisement littéraire, aussi bien dans l'espace scolaire que socialement, a ôté de la littérature et de son champ la capacité de résister aux avancées de la technologie, ce qui pourra, éventuellement, provoquer sa disparition.*

Mots-clés: *Lecture; literature; livre; Compagnon; Todorov.*

Um cenário

O pretenso fim do livro tem motivado muitos exercícios de futurologia, que oscilam entre o otimismo de um mundo leitor - no qual todos os sujeitos serão seduzidos pelas letras devido à disseminação dos portadores digitais de informação - e o pessimista panorama do fim da leitura, promovido pelo ocaso de seu portador mais clássico, o livro. Independente da validade epistemológica dessas abordagens, tais perspectivas apontam para um fato: o do medo, não sem fundamento, que os leitores têm desenvolvido ante o avanço tecnológico, de que com o fim dos livros (ou mesmo sua transformação num modelo digital), a literatura, tal como a conhecemos, acabe ou se converta em objeto que nos seja irreconhecível.

O presente texto não pretende se lançar em previsões nostradâmicas nem trazer alento aos antecipadamente enlutados pelo fim do livro, mas discutir alguns fragmentos do

passado e do presente para melhor compreender este futuro que se atualiza diariamente nas revoluções tecnológicas, interferindo, tanto no plano do discurso, como na ação dos sujeitos, que discutem contemporaneamente a leitura, em especial, a leitura de fruição estética.

Os fragmentos dessa realidade, há muito, são uma perturbadora preocupação epistemológica que carrego comigo, mas que, no entanto, ficava sempre em segundo plano, pelo receio do ataque ou por não me sentir autorizado diante de discursos que desqualificavam minha ingênua preocupação, que envolvia um objeto material (livro) e uma experiência estética (leitura), que, para muitos, são categorias dissociadas uma da outra, e que bastaria a existência de um novo portador para que os sujeitos reencontrassem a fruição da leitura de um livro impresso no *touch screen* de um *e-book reader*.

A autorização demorou, mas, quando chegou, veio munida de muita potência, seja pela trajetória intelectual ligada a um dos campos mais tradicionais da crítica literária, o Estruturalismo, no caso de Tzvetan Todorov em *A Literatura em Perigo* (2009), seja pela onipresença, como referência, de uma teoria da literatura de contornos pós-modernos, no caso de Antoine Compagnon em *Literatura Para Quê?* (2009). Estes textos vieram como uma confirmação de que não estava sozinho, de que muitas impressões e provocações ao universo das letras que vinha sentindo e fazendo, produziam-se também em outros lugares e, principalmente, em alto nível.

O apocalipse que intitula o trabalho, aparece como uma provocação e uma orientação para se discutir o lugar da literatura na contemporaneidade, se é que ainda lhe resta algum lugar; e, ao mesmo tempo, aponta-lhe a saída da ressignificação, pois após o fim (ou sua revelação) algo de novo pode surgir, ou resistir, de uma outra forma.

Os absurdos do “literário”

Não foi sem estranhamento que tomei contato com o texto de Todorov (2009), cujo título contrasta em minha estante com suas demais obras ligadas ao Estruturalismo, movimento do qual foi uma das principais vozes e cujos trabalhos serviram de orientação para inúmeras carreiras acadêmicas em todo o mundo. O estranhamento reside no fato de que uma de suas principais argumentações para discutir o pretenso fim da literatura tem como alvo o próprio movimento do qual foi baluarte, como aponta seu tradutor à edição brasileira, localizando a crítica todorovniana na busca pela imanência do texto literário:

a imanência estruturalista que, quando se pretende radical e exclusiva, afasta a obra literária de toda relação possível que ela possa ter com o mundo, com o real, com a vida. A ambição de alcançar **a maior imanência possível da obra** [grifo do autor], de captar a verdade intrínseca do texto como um mundo à parte do mundo, está certamente entre os fatores que contribuíram para construir a torre de marfim em que se encerraram muitos dos que direta ou indiretamente lidam com a obra literária (MEIRA, 2009, p. 8)

Para o autor, a influência do Estruturalismo conduziu todo o processo educativo que ensina ao sujeito como se deve ler um texto literário, mesmo sem ter contato com a obra. Ainda em 2006, na França, revela o autor, os alunos do equivalente ao Ensino Médio brasileiro aprendiam, dogmaticamente, que a literatura não tem qualquer relação com o real, estudando apenas as relações dos elementos internos da obra (TODOROV, 2009).

É neste estranho movimento que reside o perigo apontado pelo teórico, de que o contato com a literatura, da educação básica à universidade, se dê numa inversão do processo de produção do conhecimento, no qual primeiro se conhece a teoria para depois, quando isso acontece, experimentar a leitura do texto. A leitura, quando acontece, orienta-se por categorias da crítica, da teoria e da história da literatura, convertendo o acesso ao texto literário em uma resposta disciplinada, institucionalizada e submetida à interpretação de um intelectual. Mais radicalmente do que me atrevo, diz “Não ‘assassinamos a literatura’ [...] quando também estudamos na escola textos ‘não-literários’, mas quando fazemos das obras simples ilustrações de uma visão formalista, ou niilista, ou solipsista da literatura” (2009a, p. 92.).

Para o autor, não apenas há um equívoco na abordagem, mas uma limitação na compreensão dos níveis da educação formal, já que o objeto de investigação de um especialista em literatura é transposto didaticamente, muitas vezes de forma inadequada e arbitrária, para a educação básica, sem a devida tradução cultural e com o pressuposto de que todos os alunos conhecem a fundo os textos apresentados no solilóquio histórico-teórico do livro didático. E afirma sua posição: “o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários; é preciso então ensinar aquela e não estes últimos” (2009, p. 41).

Arqueologicamente, remonta os condicionantes epistemológicos de tal pensamento, que surge complexamente na Renascença, como uma forma de afirmação do homem como criador de um mundo particular, o dos objetos estéticos. O sujeito cria o seu próprio microcosmo, que se contrapõe ao macrocosmo (o real) da criação divina. No entanto, a ruptura do belo com o real só acontece mais tarde, no início do século XX, a reboque das idéias de Nietzsche, “que questionam a própria existência tanto dos fatos independentes de

suas interpretações quanto da verdade, qualquer que ela seja” (2009, p. 66). A arte, como ”interpretação” ganhou a autonomia necessária para ser tomada por si mesma, já que não precisava mais da submissão ao real para validá-la. Assim, a verdadeira arte, aquela que rompeu com o mundo, deixa de ter como objetivo representar a natureza e não quer dizer mais nada que lhe seja exterior, passa a ser a própria beleza e só pode ser submetida às exigências do belo.

Desse momento em diante, cava-se um abismo entre a literatura de massa, produção popular em conexão direta com a vida cotidiana de seus leitores, e a literatura da elite, lida pelos profissionais – críticos, professores e escritores – que se interessam somente pelas proezas técnicas de seus criadores. De um lado, o sucesso comercial; do outro, as qualidades puramente artísticas. Tudo se passa como se a incompatibilidade entre as duas fosse evidente por si só, a ponto de a acolhida favorável reservada a um livro por um grande número de leitores tornar-se o sinal de seu fracasso no plano da arte, o que provoca o desprezo e o silêncio da crítica (2009, p.67).

E, como a crítica é orientadora do discurso dos professores, estes ensinam aos seus alunos o que lhes dizem ser o correto, que um livro só é bom se for de difícil penetração e, de preferência, não tenha nenhuma relação com o mundo real.

Para romper com esta visão exclusivista, elitizada e que promove, na contemporaneidade, parte do desinteresse dos sujeitos pela literatura, Todorov propõe que o texto literário volte a ocupar o lugar central do processo educativo, e a teoria, a história e crítica da literatura retornem ao seu lugar, o de complemento.

A escassez da literatura

Quando um dos mais potentes intelectuais contemporâneos dedica sua aula inaugural, no *Collège de France*, bem como todo o seu curso, a discutir a importância da literatura nos tempos hodiernos, é um sintoma de que algo realmente muito grave está acontecendo com essa forma de representação do mundo. Compagnon (2009) situa essa mudança nos últimos 20 anos, quando a paisagem consagrada do literário começa a mudar radicalmente, por conta do questionamento do lugar da literatura na sociedade.

Os dois últimos decênios aumentaram a escassez do literário na sociedade, provocada não só pela sua arrogância de não pertencer a este mundo, mas pela erosão que enfrenta em lugares antes consagrados à sua disseminação: “na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, que atravessa também ela uma crise,

funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam; nos lazeres, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros” (COMPAGNON, 2009, p.21).

Compagnon aponta como a literatura, desde o início da modernidade, entrou na era da suspeita, quando comparada com outras formas de compreensão do mundo, como as ciências, o que provocou certa indiferença crescente e mesmo um ódio à literatura, considerada uma linguagem exclusiva e apartada do mundo. Na contemporaneidade, o exercício da leitura, de que tipo for, passou a precisar de justificativa.

Não somente a leitura corrente, do leitor, do homem de bem, mas também a leitura erudita, do letrado, do/da profissional. A Universidade conhece um momento de hesitação com relação às virtudes da educação generalista, acusada de conduzir ao desemprego e que tem sofrido a concorrência das formações profissionalizantes, pois estas têm a reputação de melhor preparar para o trabalho. Tanto é que a iniciação à língua literária e cultura humanista, menos rentável a curto prazo parece vulnerável na escola e na sociedade do amanhã (2009, p.23).

Para ele, discutir o lugar, o espaço social e político da leitura literária, pode parecer fora de moda, mas é mais que necessário, pois a recusa a este debate tem configurado um adeus prematuro anunciado há muito para a literatura.

O literário, presunçosamente, encastelou-se em sua torre, na qual promoveu debates sobre si mesmo, sobre seus limites, importância, beleza e a pureza de seus gêneros. “Não se olhava nem para trás e nem para os lados” (2009, p.25). E, agora, que este movimento parece perder fôlego, que o que se lê não está mais na ordem do dia, não motiva mais debates acalorados nos espaços públicos, que somente motiva aos mornos e, quase sempre, franqueados seminários acadêmicos, a literatura parece não perceber que seu alheamento do mundo a condena a um lento desaparecimento, pelo desinteresse.

O Apocalipse

O Apocalipse é o livro cristão que revela a seus adeptos o terrível destino do mundo, mas também é aquele que apresenta o porvir do mundo após o abatimento das catástrofes promovidas pela ira divina. Aqui, tal expressão foi tomada, justamente, por este caráter dubio, catastrófico e esperançoso, por representar a instabilidade que caracteriza qualquer discussão sobre a permanência, o fim, ou a ressignificação de uma prática cultural.

As sínteses propostas por Compagnon e Todorov tensionam um debate que, até o presente momento, caminhava para uma visão idílica sobre o futuro do livro, da leitura e

da literatura, e que reafirma, ainda, o alheamento do mundo em que vive o literário, pois ignora os perigos que rondam estas experiências, com o mesmo ar encastelado com que observou o mundo até hoje. O literário reafirma uma prática recorrente no mundo acadêmico, que consiste na máxima “não faça nada, e talvez alguma coisa aconteça” (DARNTON, 2010, p. 92), parecendo não perceber, como já nos alertava Zilberman (2001), no início deste século, que a sobrevivência da literatura depende do livro, pois não apareceu ainda um portador que o substituísse à altura.

Os portadores digitais ou eletrônicos, até o presente momento, início da segunda década do século XXI, não conseguiram se impor como modelos para a leitura do futuro. A Internet, que foi muito festejada como forma de distribuição do literário, só conseguiu, em seus vinte anos de existência comercial, tornar um pouco mais fácil o acesso das editoras aos autores em início de carreira e facilitar a venda de livros impressos. Uma coisa é fato: depois da Internet, as pessoas passaram a consumir mais livros. Talvez esteja justamente no consumo a resposta para o futuro dos livros.

Há trinta anos, parecia impossível pensar em algo que substituísse o disco de vinil como principal objeto da distribuição da música. Existiam profissões, ciclos produtivos e de consumo atrelados a este objeto; críticos, teóricos e programas de TV dedicados a comentar os últimos lançamentos, fazer relações entre as obras, suas filiações histórica, cultural e política. Existia uma prática cultural e uma experiência estética atreladas a este objeto, envolvendo o examinar do esoterismo das capas, escutar a música em seus pormenores, inclusive voltando ou iniciando a audição em momentos específicos do LP. Há algo de muito semelhante entre as experiências estéticas do livro e dos discos de vinil.

Toda esta cadeia foi substituída pelo CD, apesar de suas deficiências, e, aproximadamente, uma década depois, pelos formatos de distribuição eletrônica, cujo mais famoso é o MP3. Não existiu nenhum motivo técnico para o fim do vinil. Por sinal, qualquer músico pode lhe garantir como a qualidade do vinil é superior as formas contemporâneas de distribuição da música. Seu fim se deu por uma decisão da indústria fonográfica, uma decisão unilateral. O mesmo parece estar acontecendo com os livros. Os *e-book readers* parecem ter vindo para ficar ou, pelo menos, como alternativa primeira para a substituição do papel na cadeia produtiva dos livros, mesmo com a resistência dos leitores em consumir tal produto.

O E-book Reader só não se tornou um produto doméstico como o computador porque o mercado editorial não quer que o livro – como os álbuns de música – se torne um

item de troca pela Internet. Mas parece ser uma questão de tempo até isso acontecer, com ou sem a anuência do estabelecimento (SPYER, 2007, p.45).

No entanto, quem já teve contato com um *e-book reader* sabe o quão impessoais são estes objetos, que retiram do leitor um dos aspectos mais importantes de sua relação com o livro, a promiscuidade. Não se pode macular um texto digital, não há cheiro, não existem marcas de outro usuário e, ainda, como acontece com todo produto da indústria da informática, ficará obsoleto em seis meses, enquanto um livro de papel, bem acondicionado ou não, pode durar mais de mil anos.

A informatização do livro pode nos conduzir, tal como o processo de digitalização da música, à perda da experiência estética da leitura, a uma relação mais pragmática com o escrito e, na qual, desapareçam gêneros consagrados da literatura, como o romance, por conta de sua extensão, ou simplesmente nos conduza a um processo de elitização da leitura dos livros impressos, convertidos em objetos caríssimos e de consumo pelos ricos, o que aconteceu com os discos de vinil¹.

Compagnon e Todorov demonstram preocupação com o futuro da relação entre livro, leitura e literatura, pois esta prática cultural requer iniciação, a construção de um hábito sofisticado, que depende de uma sensível sedução para as práticas culturais que envolvem a relação do sujeito com o livro. Os absurdos que conduziram o ensino da literatura e o esvaziamento do lugar da literatura na contemporaneidade tiraram sua capacidade de resistir a este novo golpe, perpetrado pela indústria do entretenimento que não vê com bons olhos uma atividade na qual o sujeito passa horas sem consumir as propagandas de seus produtos.

Talvez, se não houver resistência, o futuro imaginado por Tonac (2010), para quem, analogicamente, o processo de digitalização se assemelha a uma fornalha a que entregaremos os livros sem a menor resistência para, no futuro, descobriremos que só conseguiremos encontrar prazer na leitura de *Guerra e Paz* num livro impresso, possa se atualizar muito rapidamente. O problema é que depois da fogueira, que pode ser o lixo ou a reciclagem, não costuma sobrar nenhum fragmento passível de leitura.

Apesar da visão fatalista dessa discussão, os autores ora em estudo, em tempos distintos e em lugares diferentes, chegam à proposta de um novo lugar para a literatura, para que escape ao fim trágico que parece aguardá-la, uma reconciliação com as

¹ Os discos de vinil foram retomados no fim desta década, caros e em lojas sofisticadas, nas quais se apresentam e propõem o retorno dessa experiência estética, em contraposição às formas populares de difusão e audição musical na contemporaneidade.

humanidades, uma recolocação do poético entre os campos de análise do humano, o que já pode ser testemunhado pelo interesse recorrente de outros campos de conhecimento pelo literário, como a história. “O estudo do literário deve e pode consertar a fratura da forma e do sentido, a inimizada factícia da poética e das humanidades” (COMPAGNON, 2009, p.18).

O único problema é que todo este esforço pode ter surgido tarde demais, quando as chamas já começam a ganhar força.

Considerações Finais

O debate sobre o fim do livro impresso tem sido ampliado com a contribuição de muitos autores, que começam a se arriscar nesse campo; este exercício é apenas uma síntese de algumas discussões que pululam em vários ambientes acadêmicos. Pensar a relação entre objetos e suas respectivas práticas também não é algo novo, mas é preciso que algo seja dito, repetido e que ecoe nas salas, ante-salas e gabinetes de nossas universidades: o livro, parece inevitável, está indo embora; tomemos cuidado para que seu desuso não signifique também a nossa obsolescência.

Referências Bibliográficas

- COMPAGNON, Antoine. **Literatura Para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros.** Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MEIRA, Caio. Apresentação à Tradução Brasileira. In: **A Literatura em Perigo.** Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- SPYER, Juliano. O mesmo livro, só que diferente. In: **O futuro do livro.** São Paulo: Editora Olhares, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo.** Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- TONAC, Jean-Philippe. Prefácio. In: **Não Contem com o Fim do Livro.** Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001

Rodrigo Matos de Souza possui graduação em Pedagogia - Educação Básica pela Universidade do Estado da Bahia (2005) e mestrado em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (2008). Atualmente é professor de Pós- Graduação do UNIJORGE - Centro Universitário Jorge Amado e professor da especialização em EJA da UFBA - Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Leitura, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, formação do Leitor, literatura brasileira, identidade e representação (rodrigomatos28@hotmail.com).